

MIGRAÇÃO: ESPAÇO FAMILIAR TRANSNACIONAL?¹

Isabel Hirt da Silva², Gláucia de Oliveira Assis³, Helena Paz⁴

¹ Vinculado ao projeto “Famílias Transnacionais: Gênero e educação”

² Acadêmico (a) do Curso de História – FAED – Bolsista PIBIC

³ Orientador, Departamento de Pedagogia – FAED – glaucia.assis@udesc.com

⁴ Acadêmico do Curso de Pedagogia – FAED

A pesquisa iniciada na metade do ano de 2019, “Famílias Transnacionais: Gênero e educação”, tem como objetivo estudar as estratégias educacionais dos brasileiros que migraram para a Alemanha, e compreender a configuração de famílias transnacionais nesses processos migratórios. A metodologia previa trabalho de campo na Alemanha e pesquisa etnográfica, mas como tivemos a iminente pandemia de COVID-19, parte do projeto teve que ser adiado significando outro planejamento. Durante esse primeiro ano de pesquisa, fizemos a revisão bibliográfica e analisamos algumas entrevistas feitas pelos nossos parceiros na Alemanha, a Dra. Sara Furstenau e Dr. Javier Carnicer, e participamos de um curso sobre netnografia. Nessa apresentação pretendo analisar como se configura o fluxo de brasileiros para a Alemanha e descrever, a partir de pesquisa bibliografia e da análise da entrevista de Marta, a configuração de famílias transnacionais.

A partir das leituras acerca da história dos processos migratórios para Alemanha, percebemos que ainda é fenômeno pouco estudado a presença de brasileiros, principalmente mulheres, nesse trânsito. Os brasileiros pertencem à categoria dos imigrantes latinos, e há outros imigrantes mais expressivos que chegaram ao país, como turcos e poloneses. Segundo dados do Itamaraty, a estimativa de brasileiros na Alemanha em 2015 era de 85.127. Neste artigo, apresentaremos brevemente a história das mudanças nas leis de imigração alemãs para entender por que os brasileiros pensam que podem estudar na Alemanha. No segundo semestre de 2020, iniciamos a etnografia no Facebook. No total, foram encontrados três grupos e duas páginas, e estamos focando neles. Além disso, as entrevistas já realizadas anteriormente foram utilizadas para essa apresentação. Nessa entrevistas procuramos compreender as motivações e os projetos migratórios que conduziram as pessoas ou famílias trocarem de nação.

Assim, com os artigos e as entrevistas de Carnicer e Furstenau, percebemos que mulheres de camadas médias baixas ou grupos populares consideram ir para Alemanha para trabalhar e estudar, empreender esse projeto migratório mais viável do estudar no Brasil, do que permanecer no Brasil e continuar os estudos no país. Nesse processo constituem relações transnacionais mantendo relações familiares entre dois países. Essas relações familiares entre dois países são a especificidade da minha parte da pesquisa, de modo que avaliar como elas funcionam e se estabilizam será um desafio desse artigo.

Portanto, como dito nos textos lidos, muitas vezes as famílias transnacionais criam uma rede que permite que outros parentes possam migrar. Sendo, dessa maneira, o primeiro migrante familiar uma referência aos demais, mesmo que nem sempre todos entendam o desafio que esse está se propondo como algo benéfico, até que os produtos do processo migratório comecem a surgir. A estratégia migratória dessas mulheres foi, inicialmente, as entrevistadas foram em um programa de “au pair” e, depois que seu tempo de trabalho nessa experiência expirou, passaram ao trabalho voluntário por meio desses empregos e cursos para desenvolver seu alemão, elas

criam raízes e uma vida que pode servir de fonte de inspiração a membros mais jovens de suas famílias. Por conseguinte, mesmo que não se vejam frequentemente, essas relações continuam fortes, de modo que de ambas localidades as famílias se amparam, seja com dinheiro ou seja com afeto.

Palavras-chave: Famílias transnacionais. Alemanha. Migração.